

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO GRANDE DO SUL - *CAMPUS* OSÓRIO  
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
NÍVEL GRADUAÇÃO

**SILVIO LUIS SOBRAL DE OLIVEIRA**

**O GAUDÉRIO CONTA HISTÓRIAS: O CAUSO DE SILVA RILLO  
E SIMÕES LOPES NETO**

OSÓRIO

2019

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO GRANDE DO SUL - *CAMPUS* OSÓRIO  
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
NÍVEL GRADUAÇÃO

**SILVIO LUIS SOBRAL DE OLIVEIRA**

**O GAUDÉRIO CONTA HISTÓRIAS: O CAUSO DE SILVA RILLO  
E SIMÕES LOPES NETO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
para a obtenção de título de  
graduado no Curso de Licenciatura  
em Letras Português/Inglês do  
Instituto Federal do Rio Grande do  
Sul - *Campus* Osório.

ORIENTAÇÃO: Prof. Dr. Mateus da  
Rosa Pereira

OSÓRIO

2019

*“Mas se não houver campo aberto  
Lá em cima quando eu me for  
Um galpão acolhedor  
De santa fé bem coberto  
Um pingo pastando perto  
Só de pensar me comovo  
Eu juro pelo meu povo  
Nem todo o céu me segura  
Retorno à velha planura  
Pra ser gaúcho de novo”  
**Jayme Caetano Braun***

## **AGRADECIMENTOS**

*À minha família e a todos que indiretamente me ajudaram na construção deste projeto com opiniões embasadas ou mesmo em conversas informais.*

*Ao professor Mateus por todo apoio e troca de ideias. Não só durante o período do TCC, mas durante toda graduação.*

*Ao IFRS-Campus Osório pela estrutura e pelo apoio em diversas áreas e acolhimento geral por parte dos funcionários e professores.*

## RESUMO

A literatura regionalista tem muitas de suas obras escritas no gênero causo. O presente trabalho busca localizar a obra de Apparício da Silva Rillo no painel historiográfico da literatura gaúcha e analisar sua utilização em sala de aula, no ensino médio. Para isso, será feito um acompanhamento dos principais acontecimentos literários gaúchos na busca por situar o regionalismo dessa literatura e como o gênero causo aparece em sua composição. Como base teórica nos serviremos primordialmente dos estudos de Fischer (2004), Zilberman (1992) e Bertussi (2000), pois tais autores procuram delimitar questões históricas e, também, características do regionalismo gaúcho. A obra *Rapa de Tacho* (2002), de Apparício, será comparada aos *Causos do Romualdo* (2011), de Simões Lopes Neto, com o intuito de encontrar pontos de convergência com relação às suas formas e aos seus temas. No que tange às relações deste trabalho com uma perspectiva de ensino, será realizada uma análise dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do triênio 2018-20, com a finalidade de analisar o uso de textos de autores sul-rio-grandenses no ensino da literatura e da Língua Portuguesa, principalmente o de Apparício Silva Rillo.

**Palavras-chave:** Literatura, Educação, Regionalismo, Causo, Gaúcho.

## ABSTRACT

Many literary works by authors from the State of Rio Grande do Sul State are written as *causos*. The present paper aims at locating the work of Apparício da Silva Rillo in the *gaucho* historiographic panel of literature and at analyzing the use of this genre in the teaching of language and literature in high schools. In order to accomplish these goals, an overview of the main literary events of the *gaucho* literature will be presented, in an attempt to situate the regionalism of this literature and to analyze how the *causo* as a literary genre appears in the composition of this literary formation. As a theoretical framework, we will use the studies of Fischer (2004), Zilberman (1992) and Bertussi (2000), as these authors have sought to associate historical issues with characteristics of the *gaucho* regionalism from a sociological perspective. Apparício's book of *causos Rapa de Tacho* will be compared to the more famous *Casos do Romualdo*, by Simões Lopes Neto, with the objective to find convergence points in relation to their forms and themes. With regard to the relationship of this research and an educational perspective, we will carry out analyses of four sets of textbooks provided to schools throughout the country by the Brazilian Government as part of the 2018-2020 Brazilian Program of Textbooks (PNLD) in order to analyze the use of texts by Rio Grande do Sul's authors in the teaching of Portuguese Language and Brazilian literature, especially in the case of Apparício Silva Rillo.

**Keywords:** Literature, Education, Regionalism, *Causo*, *Gaucho*.

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| <b>Introdução</b> .....                                   | 08 |
| <b>1 Conhecendo Rillo</b> .....                           | 09 |
| <b>2 Literatura gaúcha: história e regionalismo</b> ..... | 11 |
| <b>3 Apparício, campo ou cidade?</b> .....                | 14 |
| <b>4 Lopes Neto e Rillo: do monarca ao riso</b> .....     | 19 |
| 4.1 Gaúcho às avessas .....                               | 20 |
| 4.2 Animalização do homem .....                           | 21 |
| 4.3 Humanização do animal .....                           | 23 |
| <b>5 O regional e o gaúcho na sala de aula</b> .....      | 25 |
| <b>6 Considerações finais</b> .....                       | 30 |
| <b>Referências</b> .....                                  | 32 |

## Introdução

Este trabalho investiga a representatividade da obra de Apparício Silva Rillo no painel da Literatura gaúcha e o lugar que ela ocupa no ensino de literatura brasileira e de língua portuguesa, no ensino médio.

A metodologia de pesquisa adotada é a bibliográfica segundo Lakatos e Marconi (2012, p. 24), já que “... não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A justificativa deste estudo acontece à medida que a literatura gaúcha nos oferece produções literárias de grande riqueza. Cabe a nós, profissionais desta área, estudar mais aprofundadamente tais autores e trazê-los à tona para que sejam de conhecimento de um maior número de pessoas. Estudar um autor que não aparece no cânone brasileiro e poucas vezes teve seu nome citado por estudiosos do sul do Brasil é uma forma de dar visibilidade a obras que são representativas no âmbito regional e poderiam ser mais exploradas em sala de aula, especialmente no que tange a questões históricas e identitárias do sul do Brasil.

Será analisada a obra *Rapa de Tacho*, de Apparício Silva Rillo, utilizando a crítica especializada de Regina Zilberman (1992), Luis Augusto Fischer (2004) e Lisana Bertussi (1997), e, também, buscando relações entre a obra *Casos do Romualdo*, de Simões Lopes Neto, com o intuito de demonstrar a relevância de se estudar o gênero causo e os autores regionais, em especial os gaúchos, no ensino de literatura em sala de aula, além de se contribuir para o aumento da fortuna crítica de Rillo em específico.

Ao se considerar o painel que compõe a história e os autores da literatura do Rio Grande do Sul, é possível observar uma série renomada de autores que atuaram em diversos gêneros literários, independentemente do movimento estético a que pertenciam. Este trabalho visa localizar nesse quadro um autor específico, Apparício da Silva Rillo, que muito pouco foi citado pelos principais nomes que compuseram a historiografia do sul do Brasil. Luis Augusto Fischer (2004) lhe dedica um parágrafo e Lisana Bertussi (1997) tem um capítulo falando sobre Rillo, dando uma maior importância ao autor. Constitui-se num apanhado desde as primeiras manifestações literárias gaúchas, passando pelo célebre João Simões Lopes Neto,

até chegar ao que se tem por literatura contemporânea, dando enfoque ao traço regionalista, em especial na obra de Apparício Silva Rillo. Rillo produziu obras de diversos gêneros, porém o escopo deste estudo se volta ao conjunto de obras denominado *Rapa de Tacho*, que contém causos caracterizados como “popularíssimos” por Bertussi (p. 24). Originalmente lançados separadamente pela editora Tchê na década de 80, depois foram compilados em uma única obra pela editora Artes e Ofícios, em 2002.

Outro ponto abordado nesta pesquisa é: com que frequência se ouve falar de um autor como Rillo em sala de aula? Os livros didáticos do PNLD se preocupam em alçar obras de valor regional para estudos em aula? São questões que são levantadas através de uma análise dos livros de ensino médio do triênio 2018-20. Tal análise se relaciona com a questão da formação do painel historiográfico da literatura gaúcha na medida em que os livros didáticos usam dessas fontes canônicas para fazer a curetagem dos textos literários que serão trabalhados com os alunos. Dessa forma, autores que não figuram dentro da tradição literária do Rio Grande do Sul acabam sendo marginalizados no momento do ensino na escola. Não está entre os objetivos deste trabalho negar o valor dos cânones da literatura, tampouco contestar a sua utilização na sala de aula do ensino médio, mas ampliar o conhecimento sobre literatura popular sulina, especialmente o gênero causo.

## **1 Conhecendo Rillo**

Das primeiras manifestações até a produção mais atual, o regionalismo assume um papel relevante na literatura do Rio Grande do Sul, tratando-se de um fenômeno que ocorre tanto na poesia como na prosa. As produções de Apparício da Silva Rillo ultrapassam o limite das narrativas investigadas neste trabalho. A obra do autor inclui poesias, estudos folclóricos, textos para teatro e letras de músicas que diversas vezes foram premiadas em festivais nativistas do RS. Por ter produzido uma obra significativa, foi eleito membro da Academia Rio-Grandense de Letras, em 1981.

Rillo nasceu em Porto Alegre no dia 8 de agosto de 1931. Ainda bem jovem, fazendo o caminho inverso de muitos artistas, na década de 50 se muda para São Borja e fixa residência no distrito de Nhu Porã. Por esse fato, muitos pensam que o autor é são-borgense. Ao chegar em São Borja, com 22 anos de idade, Rillo começa

a trabalhar como contabilista em um comércio de lãs, já que a esquila (termo utilizado para o trabalho com lã de ovelha) era um comércio bem forte nessa época. No emprego, o autor inicia seu contato com muitos personagens da cidade, como aparece em seu livro *30 anos de poesia*:

Nesse meio viveu Silva Rillo durante 5 anos em contato permanente com os tipos mais singulares de nossa vida campeira: o fazendeiro e os peões de campo; o capataz e os esquiladores de safra; o tropeiro e os domadores; o carreteiro e os contrabandistas de médio e pequeno porte; o jogador profissional e os simples “orelhadores de sota” dos comércios de carreira. Vivenciou o dia-a-dia dessa gente, seus hábitos e costumes. (RILLO, 1986, p. 151).

Inserido nesse contexto, Rillo remonta em sua obra elementos da tradição oral e local. Em 1959, quando já residia na cidade de São Borja, o autor publicou os primeiros versos no livro *Cantigas do tempo velho*.

Foi também nesse período, em meados de 1947, que o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) ganhava força em todo o estado. O MTG tinha como objetivo alinhar aqueles pontos que são comuns ao gaúcho para que pudesse acontecer uma manutenção dos costumes e da cultura, e estes eram vivenciados nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Essa preocupação em valorizar o fator local aparece com frequência na escrita de Rillo, revelando certa influência desse movimento regionalista que acontecia no estado.

Desse momento em diante o autor mantém uma vasta produção textual: são poesias, estudos sobre o folclore gaúcho, peças de teatro e letras de músicas que lhe renderam muitos prêmios, como o Prêmio da Ilha Laytano com o estudo “Já se vieram!”, que tece muitas conclusões sobre a tradição, folclore e a atualidade da cancha-reta no RS. Rillo também foi premiado em esfera nacional, no Concurso de Crônicas em 1978, e teve também textos publicados em âmbito internacional, como o conto “Bicho Tutú”, que foi editado na Alemanha em 1991, junto com outros grandes nomes da literatura brasileira, como Rubem Fonseca, Ligia Fagundes Teles, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar e Caio Fernando Abreu.

Só em 1981 é que Apparício tem seu primeiro livro em prosa publicado. *Viagem ao tempo do pai* é uma obra de contos que retratam a vida rural do povo do Rio Grande do Sul. Dois anos depois, Rillo publica o primeiro livro da coletânea *Rapa de tacho*, obra que é o objeto de estudo desta pesquisa. Em consequência do

sucesso do livro de causos, o autor publica uma sequência de mais três obras: *Rapa de tacho 2* (1983), *Rapa de tacho 3* (1984) e *Rapa de tacho 4* (1988).

O caso regionalista sul-rio-grandense demonstra proximidade com as histórias que eram contadas nos galpões do interior do RS. Por esse motivo, mostra-se bastante ligado às narrativas orais. Outra obra de causos, talvez até mais conhecida por ser mais antiga e também por seu autor figurar no cânone gaúcho, é *Casos do Romualdo* (1914), de Simões Lopes Neto. Fazendo a análise de ambas as obras, torna-se possível perceber que, tanto nos causos narrados em *Casos do Romualdo* como nos de *Rapa de Tacho*, os autores buscaram contar e preservar o gaúcho com sua linguagem e cultura, porém esse exemplar de homem do sul já não é mais o mesmo e os estudos a seguir demonstrarão esse fato.

## 2 Literatura gaúcha: história e regionalismo

Segundo Regina Zilberman (1992), as primeiras manifestações literárias sulinas surgem à época da Revolução Farroupilha (1835). Fischer (2004) concorda com essa afirmação:

Não cabe aqui uma história deste conflito impressionante, mas sim uma consideração central para o nosso raciocínio: não por acaso, aquilo que vai ser chamado *literatura gaúcha* nascerá do caldo de cultura da guerra. Será a geração dos filhos da guerra a responsável pela invenção do gaúcho literário, pela reivindicação nele implícita do direito à particularidade e à diferença, pela formulação de um sentimento localista muito forte — até hoje presente, em vários níveis e de maneiras às vezes esquisitas, como na postulação da independência do Rio Grande do Sul. (FISCHER, 2004, p. 13)

O autor, porém, salienta os escritos do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que, ao longo de 1820, “deixou escritas suas impressões e observações sobre o ambiente natural” (FISCHER, p.28). Trata-se de um registro escrito que ajuda a entender o processo cultural gaúcho.

Na sua grande maioria, as produções literárias sul-rio-grandenses se apresentavam em forma de verso. Zilberman aponta que isso se deve ao fato de que o verso gozava de maior prestígio na literatura, e também porque era um período em que praticamente não havia editoras, por isso a produção oral, denominada *trova*, se alastrava até os interiores nas vozes de trovadores. No séc. XIX, o movimento

*Partenon Literário* marcou um início efetivo da literatura gaúcha, “sugerindo o crescimento cultural da província” (ZILBERMAN, p.13). Fischer vai além:

Mas talvez sua mais importante atuação tenha sido mesmo no plano simbólico. Porque foi com os autores do Partenon que a literatura feita aqui, sobre temas daqui ganhou cara e consistência. Apolinário, Caldre e Fião, Múcio Teixeira, Aquiles Porto Alegre, Luciana de Abreu, Bernardo Taveira Júnior, todos eles escreviam ficção e ensaio, muitas vezes sobre figuras da região (aparecem vários textos sobre o gaúcho em prosa e verso), publicavam na Revista mantida pela Sociedade, liam-se uns aos outros e iam reforçando a convicção de que valia a pena praticar a literatura, como arte e como identidade. (FISCHER, 2004, p. 14)

Contudo, a autora também deixa claro que foi um destaque mais voltado ao pioneirismo do que por seu impacto artístico. Ao final do séc. XIX apenas um autor surge como um importante nome, Fontoura Xavier (1856-1922), que lança o livro *Opalas* (1884). Antonio Candido classificou esse autor como “o mais interessante dos baudelairianos brasileiros” (1987, p. 35).

O traço regional, que influenciou muitos autores em todo Brasil e no Rio Grande do Sul, não foi diferente, e começou a apresentar suas primeiras manifestações na prosa nacional a partir do período romântico. Em 1870, cessada a Guerra do Paraguai, o regionalismo teve grande destaque nas obras que tentavam compor o projeto literário que se buscava instaurar no Brasil. Dentro desse processo, José de Alencar (1829-1877) publica o livro *O Gaúcho* (1870), quando o veio gauchesco na literatura se vê reforçado. Na literatura sulina, desde as primeiras manifestações literárias já se torna possível observar características regionais. Segundo Zilberman, “sua sobrevivência por tanto tempo assegura a validade de suas questões, vinculada à realidade sulina e aos esforços desta para se converter em motivo literário” (1992, p. 49).

A partir do início do século XX, de acordo com Fischer, “uma impressionante sucessão de livros com tema rural aparece no Rio Grande do Sul” (2004, p. 58). O autor levanta uma importante questão sobre o debate entre literatura regional e rural que vale registrar:

O que em geral se chama de “regionalismo” seria mais adequadamente chamado de “ruralismo”, isto é, literatura feita sobre a experiência não-urbana. Dizer “regionalismo” quase sempre implica sugerir minoridade, secundariedade, senão mesmo irrelevância artística, o que não é o caso nos melhores autores como Simões Lopes Neto ou Guimarães Rosa — e também o reverso: dizer “regionalismo” pode sugerir que o que *não* for “regional” será por isso mesmo bom, o que definitivamente é uma bobagem, dada a quantidade de porcaria que se escreve. (2004, p. 59)

Lúcia Miguel Pereira (1973) destaca um ponto importante ao se estudar a questão tida como regional:

Para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance; só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes, e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. (1973, p. 181)

Nessa questão, cabe ressaltar o que o próprio Rillo explica na apresentação de *Rapa de Tacho 4*:

Os RAPA DE TACHO foram escritos de caso pensado, para fazerem divertir, no seu registro legítimo do humor dos homens simples da campanha que resiste na última estacada. E, subsidiariamente. Com a intenção de salvar do esquecimento as expressões peculiares, os ditados, as comparações e frases-feitas — o modo de falar de nossos gaúchos com pouca escola e muita picardia. Os meios de comunicação, especialmente a TV por seus vários canais invasores, vêm nivelando a linguagem brasileira, aplainando perigosamente as expressões regionais, “mesmando” a fala do povo que se emprenha pelos ouvidos e cede às “novidades” fabricadas pelos redatores e humoristas de plantão. (1989, p.9)

Sendo assim, aquele ponto que a autora coloca como de suma importância para que se constitua o regionalismo é justamente a principal preocupação do autor com a sua produção literária. Portanto, Rillo se valeu de um gênero específico, por ter consciência de que algumas das funções desse gênero são a valorização e a preservação de um modo de vida, de pensar ou, em outras palavras, na constituição de uma identidade que surge na resistência à massificação cultural, que desindividualiza e é própria da globalização, e também, na memória. Dessa forma, é possível citar duas questões principais que se destacam: a constituição da identidade e a preservação da memória. Isto é, é ressaltada a identidade cultural ligada à noção de pertencimento: os causos são daquele povo, daquele lugar e, portanto, constituem a identidade local.

### 3 Apparício, campo ou cidade?

Um dos objetivos deste trabalho é fomentar a discussão acerca do gênero textual que será analisado, o “causo”. A primeira constatação é que existem poucos textos que teorizam sobre a definição desse gênero. Rossini Tavares de Lima, em seu livro *Abecê do Folclore* (1972, p. 86), considera “causo a forma de dizer dos sertanejos para designar conto”. Contudo, através de outros autores, torna-se possível compreender características do conto que não são compatíveis com as do causo e vice-versa. O conto traz o anonimato, o caráter coletivo da produção e a possibilidade de migração que, possuindo características universais, são adaptáveis a diferentes lugares, tempos e culturas. Já o causo é uma narrativa onde quem conta expõe fatos e personagens que são conhecidos dos ouvintes ou leitores, e, dessa forma, tem-se uma regionalidade da qual a narrativa não se desprende, ao contrário do conto. O “contador”, diferentemente do que ocorre no conto, situa a sua história no tempo e espaço a partir da sua memória, e quando o fato não foi vivido ou testemunhado pelo narrador, ele trata de fazer verbalmente, mesmo que de maneira informal, as devidas referências. No causo “Traíra de Poço”, Rillo demonstra todos esses pontos citados acima:

Seu Miro foi durante vários anos capataz do fazendeiro Dorval dos Santos — sogro do conhecido jornalista e comunicador Paulo Sant’Ana, da “Zero Hora” e TV Gaúcha. Para falar a verdade nasceu e se criou na estância do Jaguarão, no rincão de São João Tujá, distrito de Garruchos, em São Borja. Como todo bom gaúcho, tinha seu pouco de “queimador de campo”. De sua boca e a seu modo, a história da traíra de poço: (2002, p. 139)

Então, o autor passa a palavra para aquela pessoa que lhe contou a história, buscando dar maior veracidade à narrativa. Por esse motivo, o causo poderia até mesmo ser considerado um texto não ficcional, o que o tornaria um fato. Contudo, levando em consideração que o causo é um gênero geralmente transmitido de forma oral, isso o deixa mais distante de um fato e o coloca no campo da ficção, como bem define Walter Benjamin: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1994, s/p).

Outro ponto a ser levantado é que o ato de mentir, na hora de contar essas histórias, era muito praticado, como cita o personagem Riobaldo de Guimarães Rosa na obra *Grande Sertão Veredas*: “Mente pouco quem toda verdade nos diz” (2006, p. 320). Veremos essas questões no decorrer do caso de Rillo:

- Pos eu era um frangote de dez ou doze anos, buliçoso que nem mico de viúva. Gostava uma barbaridade de pescar no Jaguarão, o arroio que deu nome à estância do seu Dorval Santos, onde um dia nasci. Certa vez, de tardezita, voltava da pescaria para as casas quando topei com meu pai que vinha da recorrida dos campos. O véio bombeou pros peixes que eu tinha pegado e me deu uma baita duma puteada porque eu trazia, na feira, uma trairinha de palmo. Me disse: - Toma vergonha na cara, guri. Peixe novo a gente larga n'água pra deixar crescer. Me dá pra cá os peixe grande e vai soltá no arroio a trairinha. E ligeiro!, antes que o relhador te pegue pelo lombo!
- Que eu haveria de fazer? Tinha que soltar a trairinha. Mas assucedede que o Jaguarão tava longe, ia anoitecer logo, logo, se eu fosse até lá o bichinho morria. Já tava abrindo as “guerras”, sufocada de ar. Deixei o véio rumbear pro galpão, dei a volta por detrás do arvoredado e larguei a infelizinha num poço velho e mui fundo, calçado de pedra cabeça de nego. O tal poço já lo usavam pouco, seu Dorval tinha mandado cavar um mais novo, rente da cozinha da estância. Tingum! e lá se foi a trairinha...
- Passado um par de anos começaram a dizer na fazenda que o poço véio tava assombrado. De quando em quando assucedida um reboliço lá nele, a água se arripiava toda, tinha gente da estância que já passava por longe, uma véia jurava que era mãe d'água que tinha se mudado pro poço, um negro metido a esperto dizia que não, que era uma contraparente da Cobra Grande que tinha feito casa nas profunda. Até que um dia o seu Dorval resolveu botar o negócio a limpo. Fumo tudo pra ver o que é que havia. Seu Dorval deu de mão numa linha de algodão, das buenas, com um anzolão empatado em arame torcido, iscou uma lasca de “figo” e largou poço abaixo. Foi o anzol bater n'água e a linha correu. Seu Dorval ferrou, a linha ficou estirada como corda de alambrado novo, e quam dizia que o bicho ferrado arribava do fundo? Trouxeram o petiço pipeiro, amarraram a linha na cincha e dê-le boca! Pos sabe o que é que era? A minha trairinha, grande e gorda uma barbaridade, com quatro palmas do focinho à cola. Só que, de tanto nadar na volta do poço, roçando contra as pedras, não tinha nenhuma escama pelo lado de laçar, e o corpo dela tava torto, mal comparando era o mesmo que meio arco de barril.  
Seu miro jura que a história é verdadeira:
- Que me caia esta casa em cima se eu tiver mentindo!  
Por precaução, só jura a céu aberto. (RILLO, 2002)

Como podemos ver, o contador apela para a boa vontade do ouvinte colocando até “Deus” como testemunha, mas, nem por isso, se configura um texto não ficcional.

Em *Casos do Romualdo*, Lopes Neto também faz uso desse artifício:

Dos meus verdadeiros — casos, posso citar inúmeras testemunhas... infelizmente quase todas mortas e as restantes morando longe; há mesmo algumas cujos nomes esqueci, mas cujas fisionomias guardo nos escaninhos da memória. (2011, p. 9)

A linguagem apresenta uma série de elementos regionais, e o texto é carregado de ironias, hipérboles, neologismos, entre outros elementos, refletindo com humor e senso crítico apurado sobre as situações do dia a dia. Assim como a piada, os causos estão muito presentes no campo da oralidade e exigem conhecimento de mundo interiorano para que o cômico possa funcionar. Então, como todo texto humorístico, exige inferências para compreensão dos fatos narrados.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra “causo” é definida como “narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 658). Apesar de ser uma definição sintética, dicionários são fontes muito utilizadas no momento de se buscar mais informações sobre algo, principalmente no ambiente escolar, portanto as definições de dicionários muitas vezes podem ser tudo o que os alunos sabem sobre esse gênero, por isso torna-se importante também levar em conta tais definições. Tratando-o como um gênero textual, Sérgio Roberto Costa (2009, p. 58), no *Dicionário de Gêneros Textuais*, traz a seguinte definição para “causo”:

[...] relato/conto/narrativa geralmente falado(a), relativamente curto(a), que trata de um acontecimento, fato ou conjunto de fatos, reais ou fictícios, como casos do dia a dia ocorridos com pessoas, animais etc., ou de histórias da imaginação das pessoas, como “causos” ou “contos populares” (COSTA, 2009, p. 58).

Essa já é uma definição mais aprofundada, porém bastante técnica. Alguns aspectos que ela ressalta são a oralidade e a relação com o cotidiano das comunidades, marcas da escrita de Silva Rillo, embora tal definição de Costa pareça demasiadamente abrangente, dando a ideia de que quase tudo pode ser considerado causo. Interessa-nos, no presente trabalho, discutir, na obra de Rillo e no gênero causo, o que essas características formais significam em suas relações com as dimensões social e cultural dessas produções. É nesse sentido que o teórico de literatura brasileira Antonio Candido (2001), na sua obra *Os Parceiros do Rio Bonito*, nos ajuda a entender o valor desse gênero, atribuindo ao causo características de um gênero que engloba uma série de intenções e temáticas:

Sabia-se muita coisa. Havia gente que começava a contar causos de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram casos de santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malazarte, e instruíam muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: os filhos

obedeciam aos pais, os moços aos velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à Lei de Deus. (CANDIDO, 2001, p. 245)

Nesse estudo, Candido tece uma série de descrições sobre as mudanças na vida da população caipira diante da expansão econômica capitalista. Utilizando uma expressão do autor, era o crescimento econômico expulsando “os cuitadinho a pau e tiro” (*idem*, p. 245). As investigações de Antonio Candido se deram no Município de Bofete, no interior de São Paulo. Contudo, no Rio Grande do Sul não foi diferente. Assim como os caipiras paulistas, os gaúchos que viviam do campo foram sofrendo com as mudanças trazidas pela globalização, deixando esses personagens como homens que não acompanharam a evolução dos tempos. Por esse motivo, eram homens distantes da escrita, por exemplo. As histórias eram contadas e não escritas, como Candido bem observa, eram relatos que retratavam a vida cotidiana tal e qual ela acontecia, características essas que aparecem bem marcadas nos causos.

Seguindo a mesma linha, o autor Erico Verissimo, na primeira parte de sua célebre obra *O tempo e o vento*, denominada *O continente*, faz uso do gênero causo para falar sobre como os mais jovens tomavam parte nas conversas de galpão com o intuito de aprender sobre a vida dos homens do campo, o que representa um elemento fundamental na educação de Licurgo e em sua formação enquanto caudilho.

Outro dos grandes prazeres do rapaz — e um dos que mais o prendiam ao Angico — era o de tomar parte nas conversas do galpão à noite, depois do jantar. Reuniam-se os peões ao redor do fogo e ficavam a contar histórias. Eram “conversas de homem”, quase sempre em torno de cavalos, jogo, mulheres, duelos, revoluções, heróis, e bandidos. E através dessas conversas Licurgo ia como que absorvendo os artigos do código de honra daquela gente — um código que não fora escrito mas que tomava corpo, fazia-se visível em milhares de exemplos e casos que andavam de boca em boca. (VERISSIMO, 2004, p. 214, vol. 1)

Em outra passagem, no volume 2 da obra, em uma dessas conversas de acampamento, os homens começam a contar mentiras na tentativa de impressionar os parceiros, característica que aparece frequentemente nos causos:

— Na revolução de 35 meu avô uma vez carneou um rês pros soldados dele, e como não tinha sal esfregaram o churrasco na cinza.  
— Xô mico! Isso não é nada. Meu pai uma vez teve de ferver um laço e um relho pra comer. Noutra ocasião assou uma cobra. (VERISSIMO, 2004, p. 374, vol. 2)

Sérgio Roberto da Costa (2009) destaca que os causos “vêm das camadas não hegemônicas, não letradas da população, como também o vêm os provérbios” (p. 58), enquanto o conto “tem origem nos casos/causos”(idem). Sendo assim, considerando que a origem dos causos se define por sua marcada oralidade e enraizamento social proveniente do imaginário das camadas populares, referir-se ao causo como um subgênero do conto seria equivocada, pois foi o conto que proveio do causo.

Diante do que foi exposto, ficam mais clarividentes alguns pontos. Trata-se o causo de uma narrativa relativamente curta, que, assim como os contos, apresenta muitas relações com gêneros orais. Entretanto, diferente de outras narrativas curtas, o causo traz personagens que geralmente são conhecidos do narrador ou contador. A temática fica situada no espaço da realidade cotidiana ou do imaginário das pessoas.

Até chegar ao causo, como vimos, Rillo rodou por uma variedade de gêneros literários, como bem aponta Maria Helena Barbosa: “Tradicionalista, bem como sua participação em festivais de música nativista, como compositor e letrista, aliaram-se o trabalho do pesquisador e prosador, conferindo-lhe grande popularidade” (1999, p. 26). Por ter vivido a maior parte da sua vida em São Borja, o autor conhecia os personagens são borgenses mais “famosos”. Conhecido na cidade, as produções de Rillo passam a aliar ficção e realidade. Era não só um contador, mas também um ouvinte de casos vividos pelos cidadãos da fronteira, e com maestria escrevia em colunas do jornal local e publicava livros como o *Rapa de Tacho*, abordado neste estudo. A região das missões é conhecida, ainda hoje, como preservadora dos costumes tradicionais gauchescos. Eram pessoas que viviam uma vida atrelada ao trabalho do campo, que vestiam indumentárias típicas, as *pilchas*, traziam hábitos como tomar *chimarrão* (herança guarani) e a *milonga* como principal ritmo musical e que, por esse motivo, se apresentavam meio avessos à modernidade que se encaminhava com o futuro.

Sendo assim, a peculiaridade do causo enquanto gênero, por sua proximidade e seu diálogo com os acontecimentos e experiências da vida cotidiana, acabou servindo como meio de expressão para o escritor de São Borja, como se perceberá com as análises da obra *Rapa de Tacho* que compõem este trabalho.

#### 4 Lopes Neto e Rillo: do monarca ao riso

No séc. XX, em Pelotas, surge João Simões Lopes Neto, o autor de maior destaque e que conquistou importante lugar na literatura e na história gaúcha. Assim como na obra de Rillo, a temática gauchesca é predominante em suas narrativas, e também no mesmo sentido de Apparício, suas produções em prosa privilegiam o relato curto: contos, causos e lendas, como bem aponta Zilberman:

Com ele, a mitologia gaúcha alcança seu apogeu, pois Simões Lopes alça o vaqueano à condição de mito com os Contos gauchescos e as Lendas do sul, para depois dessacralizá-lo, nos Casos do Romualdo. (1992, p. 60)

Em *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, Lopes Neto busca claramente retomar os elementos de valorização dos ideais sulinos, retratando homens que davam demonstrações de valentia e lealdade. No entanto, o autor reconhece que esse período está findando para dar lugar à contemporaneidade. Zilberman ressalta que:

Essa crítica ao presente determinou a criação dos *Casos do Romualdo*, exemplo do gaúcho despojado do poder, que conta apenas com sua verve narrativa para assegurar a atenção e o interesse do grupo social. (1992, p. 60)

Na obra de Lopes Neto, os *Casos do Romualdo* expressam um sentimento contrário em relação às obras anteriores, no sentido de que o autor ainda trata com seriedade e até algum sentimento de melancolia o mito do gaúcho no *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, enquanto nos Casos procura revelar o revés desse mito criado anteriormente. Assim, nesse processo, Simões ultrapassa a barreira de uma única obra e concretiza-se numa obra posterior, que evidencia o sentimento de contrariedade na decomposição do mito na figura do narrador Romualdo. Rillo também segue esse caminho, já que em suas primeiras obras, como *Cantigas do tempo velho* (1959) e *Viola do campo largo* (1968), o autor publicava seus primeiros poemas, poesias que retratam o campo e o “campeiro” como meio e personagens, valorizando tempos passados. Em 1982, Rillo publica o primeiro *Rapa de Tacho*, trazendo forte irreverência na escrita e desmitificando o gaúcho como pilar de seriedade e bravura. Este ponto é, talvez, um dos que mais relaciona Rillo a Lopes Neto: a sátira da figura do gaúcho à moda antiga, porque este vinha do meio rural e não possuía um letramento suficiente para acompanhar um processo de

globalização que o mundo inteiro vinha sofrendo. Bertussi (1997) também faz relação entre as obras:

... o registro precioso desta importantíssima manifestação cultural que são os “causos gauchescos”, caracterizados como relatos em geral cômicos e fantasiosos à maneira dos Casos do Romualdo, que podem, além de distrair e divertir o leitor, passar um feixe de traços de comportamento do gaúcho de ontem e de hoje, sua vida cotidiana e suas relações com o homem da cidade. (1997, p. 202)

Em meio a esse sentimento de perda de valores tradicionais, os autores vão atrás daquelas histórias que eram passadas de boca em boca, como forma de chiste ou até de ensinamento, na tentativa de conseguir algo que se tornasse um instrumento de poder, de manutenção cultural. Com relação a autores regionais, Fischer destaca o seguinte:

Trata-se de escritores que vão lidar com três tensões fortes — aquela entre a cultura letrada e a cultura popular, ou não letrada, ou oral, aquela entre a cidade e o campo e aquela entre o presente e o passado. (2004, p. 59)

Apparício Silva Rillo se encaixa nesse perfil. Ele utilizou do veio humorístico para contar inúmeros casos em que o gaúcho à moda antiga se atrapalha ao lidar com a modernidade.

#### **4.1 Gaúcho às avessas**

No caso de Rillo “Porém Gelada”, o autor descreve uma experiência própria e relata de forma muito bem-humorada uma situação em que o dono de um estabelecimento do interior, lá conhecido como “bolicho”, tem seu primeiro contato com uma geladeira. Vejamos a seguir:

Pelos idos de 1954/55, Simeão Porciúncula, índio de meia idade, cabelo mouro-prateado, sempre de alpargatas, bombacha e um 38 no mol da barriga, era dono de um bolicho a cem metros da ponte sobre o rio Icamacuã, na estrada que ligava (hoje é por outro trecho, asfaltado) São Borja a São Luís Gonzaga.

Seu bolicho era bastante concorrido, tanto porque bem sortido e muito porque seu Simeão era pai de duas moças lindas, chamarisco para a gauchada do Passo Novo, São José e Coudelaria. Ambas casaram-se, e bem, tempos mais tarde.

Cláudio Rodrigues (o “Tio Manduca”), Antonino Falcão, Milton Souza (que não é o de Uruguaiana) e Henrique Mack formavam um grupo de pescaria a que me aliei, tão logo cheguei de Porto Alegre para fixar-me em Nhú-Porã.

Um de nossos pesqueiros preferidos ficava no campinho de seu Simeão, por onde cruzava o Icamacua, a quinhentos metros da estrada e de seu boliche. A gente levava carne, apenas; o demais era comprado no boliche: café, sal, açúcar, pão feito em casa ou bolachas. Manhã bem cedo seu Simeão mandava um tarro de leite para os pescadores. Geralmente, de modo especial nas pescarias de verão, encomendávamos uma dúzia de cervejas ao bolicheiro. Como não havia geladeira e muito menos gelo, as garrafas eram mergulhadas, num cesto de arame, no poço da casa. Quando buscávamos a bebida, a cerveja estava fresquinha.

A empresa onde eu trabalhava, em Nhú-Parã (na época o maior empório de São Borja), recebeu uma partida de geladeiras a querosene — novidade absoluta na época. Compraram-nas, em seguida, a maioria dos fazendeiros da região. Por recomendação e aval pessoal do Tio Manduca, Simeão Porciúncula adquiriu uma unidade. Numa de nossas pescarias, no pesqueiro a que me referi, levamos a geladeira para o bolicheiro. Milton Souza, habilidoso, montou-a em dois tempos. No outro dia, na bóia de domingo, tínhamos já cerveja bem gelada no acampamento. Tio Manduca, na despedida, recomendou ao seu Simeão que colocasse um cartaz na frente do boliche, anunciando a venda de bebida gelada. Quinze dias depois voltávamos ao pesqueiro. Pregada num dos cinamomos da frente do boliche, em letras de bom tamanho, uma tábua com o “anúncio”:

- TEMO SERVEJA. PORÉM GELADA. - (RILLO, 2002, p.49)

O caso revela uma série de expressões regionais que, por si só, já contribuem para dar um caráter cômico ao texto. Há também um elemento inusitado na narrativa, o modo como o “bolicheiro” fez o anúncio da novidade do seu estabelecimento, deixando explícita sua falta de letramento. Trata-se de uma espécie de gatilhos geradores de humor, assim como a ironia por parte do narrador ao colocar entre aspas o “anúncio”. São situações em que se sobressai a falta de jeito ou o mau jeito, porém a dignidade de um cidadão frente à modernidade que o desafia. Portanto, Rillo faz uso de elementos linguísticos e discursivos para contar histórias que vêm do povo, mas que cabe ao autor lapidar, transformando esse gênero oral em uma narrativa escrita e publicável.

## 4.2 Animalização do homem

O autor Vladimir Propp, em seu livro *Comicidade e riso* (1999), contribui com algumas informações importantes para se entender o cômico na literatura. No capítulo “O homem com aparência de animal”, o autor faz a seguinte colocação: “o homem, na maioria das vezes, é comparado a animais ou objetos, e essa comparação provoca o riso” (1992, p. 66). No caso “Que bicho sou?” Rillo usa claramente desse artifício para que se gere um efeito de fazer rir:

Há cerca de cinco anos, mais ou menos, quando a música nativista começou realmente a “pegar” em Porto Alegre, um grupo de rapazes, todos do interior e companheiros de pensão, realizava espetáculos junto às universidades.

Por uma questão de status e mesmo de tática, intitulavam-se universitários. Quando se apresentavam na PUC diziam ser da Unisinos; quando nesta, da UFRGS — e assim por diante.

Dentre eles, liderava o grupo o Juarez Bittencourt, veterano da noite porto-alegrense, e Elton Benício Saldanha, bem mais jovem, ambos de Itaqui. Comendo o pão que o diabo amassou, chupando gelo pra matar a fome, insistiam em “viver da música” — esperança que recém hoje, para alguns poucos compositores e intérpretes gaúchos, transita da utopia para realidade.

A eles veio juntar-se, cria de Santiago do Boqueirão, o gaiteiro de oito baixos Gilberto Monteiro. Sua cidade ficara pequena para suas ambições e, sobretudo, para seu talento (é, no meu entendimento, o melhor gaiteiro de oito baixos do Rio Grande). Chegou sestroso, como todo o interiorano que se muda para a capital. Simpático, de boa estampa — uma figura de José Larralde quando moço —, Gilberto entrosou-se rapidamente com os mais experientes. Foi admitido ao grupo, integrou-se logo ao *modus vivendi* dos amigos que já conhecia de “rodeios” e festas campeiras de Vacaria, Bagé, Uruguaiana, Cachoeira e outras cidades, onde, geralmente, competia nos concursos de cordeona e levava o primeiro prêmio.

Foi previamente escolado para intitular-se, como faziam os demais, estudante universitário. Mas, ainda bem moço, deveria apresentar-se como “bixo do curso de Direito” (bicho, para ele). Chegou, finalmente, a noite de sua estréia, na Unisinos, em São Leopoldo.

Juarez anunciava: — Nosso grupo, integrado por universitários da UFRGS, honra-se em apresentar-se a seus colegas da Unisinos, trazendo-lhes a mensagem telúrica da autêntica música desta terra marcada no mapa a pata de cavalo e pontacos de lança! — Palmas, assobios, os “universitários” abriram o peito, Gilberto Monteiro arreganhou a gaita, ganhou a noite.

Na saída foi abordado por uma universitária que se engraçara por sua estampa bem posta: — Teu nome é Gilberto, não? É bixo de que curso mesmo?

Gilberto Monteiro se perdeu na poeira. Havia esquecido o curso que lhe deram. Nervoso, virou-se para o Elton e indagou:

— Elton, me diz ligeiro: que bicho mesmo que eu sou? (RILLO, 2002, p. 89)

Simões Lopes Neto utiliza do mesmo efeito no caso “Sou Eu, o Homem!”. Romualdo está se apresentando como um contador de histórias e divide seus ouvintes em uma série de categorias as quais ele exemplifica com comparações no mínimo estranhas:

Bastará já que tivesse vivido como galo de torre de igreja, como coleira de cachorro ou como sanguessuga de barbeiro... e já muito mais coisas teria visto, cem novidades saberia, mil sucessos poderia referir. (2011, p. 8)

No caso e na passagem citada, podemos destacar situações em que ocorrem comparações entre os seres humanos e os animais. Assim refere Propp: “A comparação com animais é cômica apenas quando serve para desvendar um defeito qualquer” (1992, p. 67). A comicidade acontece à medida em que a comparação expõe falhas de pessoas. No texto de Rillo, fica evidente que o gaiteiro pensou que

“bixo” de universidade era a mesma coisa que “bicho” animal. Já na narrativa de Lopes Neto, as comparações de Romualdo se referem a pessoas que não saem do lugar, não têm contato com outras culturas nem conhecem outras formas de viver.

### 4.3 Humanização do animal

Comparar um ser humano com um animal é um antigo mecanismo de construção do cômico, é aquilo que Propp chama de "humanização dos animais", que, para o autor, quando é levada ao absurdo, o que acontece no exemplo abaixo, reforça o efeito cômico. Esse mecanismo é o reverso daquele chamado o "homem com aparência de animal", também citado por Propp. Este exemplo foi tomado por ser utilizado muitas vezes por Rillo para a construção do cômico em seu *Rapa de Tacho* e também por Lopes Neto nos *Casos do Romualdo*. Vejamos o caso de Rillo “Ipê dos Colhudos”:

Galpão da estância do extinto deputado e médico Aramy Silva, na divisa dos municípios de São Borja e Santiago, no rincão da Encruzilhada. O assunto, naquela manhã invernososa de chuva, era tamanho de árvore: altura, diâmetro, galharia. Principalmente altura.

— Nos mato do meu finado avô — que o Senhor o tenha a seu lado - , havia uma timbaúva que quando era manhã de cerração a gente não enxergava a galharia, olhando cá de baixo. Quando serraram ela e a bruta de veio abaixo, abriu um boqueirão no mato. Dois laços de quinze braças, acolherados, não deram pra medir o tamanho do tronco...

— Deve ser a timbaúva onde os paraguaio, quando invadiram São Borja, acamparam tudo debaixo dela. E ainda sobrou sombra...

— Não te fresqueia, rapaz. Meu pai quase enricou vendendo gamela da dita cuja. Deu mais de duzentas, das grandes...

— Meu pai comprou uma. Das melhor. Serviu para cama de três dos meus irmãos menor...

— Não te fresqueia, aborto de égua véia. Arrespeita os que têm mais vida do que tu. Tu tá me horrorizando a história...

— Ironizando, seu Pulchério. Horrorizar é outra coisa.

— Mas entenderam, pois não é? Pois vão à puta que os pariu, com a licença das mão de vocês...

Coqueiro de trinta metros. Canafístula de quarenta. Pau-ferro de quarenta e picos. A reunião estava animada, a cana corria frouxa, a altura das árvores aumentava como barriga de prenha.

Tio Xerembe cuspiu pela janela do galpão. Coçou a carapinha branca, soprou as caspas que lhe ficaram nas unhas encardidas e se meteu na conversa:

— Vão se cagá tudo vancês com essas arvezinhas miserável. Com estes óios que a terra há de comer eu vi, no Cerro do Ouro, quase na costa do Uruguai, um ipê que se eu contar o tamanho vão me chamar de mentiroso. Agora, se me chamarem de mentiroso eu capó o fiadaputa que me afrontar.

— Conte no más, tio Xerembe.

— Conto e juro pelos ossos da finada. O tal ipê era tão alto, mas tão alto, que bugio pra chegar na última galhada tinha que levar fiambre para sestar na subida... (RILLO, 2002, p.115)

Para dar um efeito satírico à narrativa, o narrador sugere que um bugio (espécie de macaco que habita as serras gaúchas), para subir até o topo da árvore, teria que fazer uma pausa para um lanche (fiambre) e dormir um pouco (sestar). Em outras palavras, o narrador atribui hábitos típicos aos humanos daquela região a um animal, fazendo uso, nesse momento, de um gatilho gerador de humor. Podemos retomar também nesse caso uma característica bem marcante desse gênero, que é contar mentiras.

Efeito semelhante se encontra no caso “Ataque de Marimbondos”. Romualdo conta que, estando em uma parada para descanso de uma caçada de tatus, enxerga uma “nuvem escura, que subia e descia, alongava-se, adelgaçava-se, adensava-se...” (p. 48). Quando chegou perto para verificar a estranha visão, deparou-se com “um colossal enxame de marimbondos!”(idem). Eles pararam logo acima de um homem, que estava dormindo. Aí começam as explicações de Romualdo, para “esclarecer” ao leitor o porquê daquela situação.

Reparei então que toda aquela massa escura e movediça dividia-se em lotes, que se não misturavam nem confundiam... Naturalmente o povo camoatim ameaçado passou aviso aos vizinhos mais de perto e cada um mandou um destacamento para reforçar a defesa comum. [...] Por que não caíam sobre o homem, quando se sabe que camoatim não observa cerimônias para travar o ferrão em quem quer que seja?... Ao contrário, parecia que eles hesitavam, consultavam-se... Nisto apareceu uma outra nuvem de marimbondos, dos amarelos... [...] Compreendi, então: os camoatins, habituados só com a nossa gente – morena e, de cabelos pretos – estranhavam e desconheciam aquele claro, e ruivo. Temeram talvez que fosse algum mangangá colossal, e para certificarem-se chamaram aquele piquete de amarelos. Os mangangás, para começar o exame, puseram-se a passear sobre a cara do adormecido; fizeram-lhe cócegas no nariz [...] mexeram-lhe nas barbas... Camoatins e mangangás viram-me, conheceram que eu era patricio – pela cor e pelos cabelos – e caíram-me em cima... (p. 49, 2011)

Percebe-se no caso de Rillo semelhanças com a história de Romualdo, já que em ambos os animais são capazes de tomadas de decisão após analisada uma situação: o bugio ao parar para comer e descansar e as abelhas ao escolherem quem iriam atacar. Nos dois textos, a consciência da existência da espécie é apreendida pelo leitor na intenção dos animais, porém tais intenções são próprias de humanos. Assim, além do mecanismo da “humanização”, nota-se também a conduta

gerada a partir de um outro mecanismo “externo” ao universo dos animais — a capacidade de entender uma situação e, a partir daí, tomar uma decisão que é própria do raciocínio humano – ou seja, animais agindo como se fossem pessoas. Além desses exemplos que foram utilizados, tanto Rillo como Lopes Neto fazem uso desse artifício em muitos outros casos, com enxames de marimbondos que se agrupam como forças armadas e bugios que formam força de trabalho ou se unem para tocar um baile na base do assobio.

## 5 O regional e o gaúcho na sala de aula

Com o intuito de levar a pesquisa para um campo mais didático, foram feitas análises em livros didáticos de ensino médio do PNL 2018-2020. Ao utilizar livros didáticos como recurso de ensino em sala de aula, é de suma importância conhecer previamente a abordagem e o método utilizados para trabalhar determinados conceitos. Por esse motivo, é preciso analisar as características dos livros, buscando conhecer sua estrutura e as possibilidades de trabalho. Fazem parte desta parte do *corpus* de pesquisa quatro coleções, somando 12 livros ao todo: coleção *Ser Protagonista* volumes 1, 2 e 3 (BARRETO, 2016), coleção *Novas Palavras* volumes 1, 2 e 3 (AMARAL, 2016), coleção *Linguagem e Interação* volumes 1, 2 e 3 (FARACO, 2016) e coleção *Contexto, Interlocução e Sentido* volumes 1, 2 e 3 (ABAURRE E ABAURRE, 2016). Por motivos óbvios, aqueles livros que abordam, se abordam, os autores que estão sendo estudados neste trabalho receberão uma maior atenção. Sendo assim, a análise busca obras ou trechos de obras de Lopes Neto e Aparício ou mesmo alguma passagem de explicação teórica que cite o nome de um desses autores. Atuando na mediação entre os discentes e o conhecimento, o professor precisa se preocupar em ensinar a literatura e a cultura que permeiam a sua região geográfica, sendo ela urbana ou rural. Do contrário, pode ficar a impressão de que o cânone de literatura brasileira seria a única fonte literária que merece ser visitada. Sobre o assunto, Fischer expõe:

No Brasil, talvez mais do que noutros países, nós nos acostumamos a pensar em *literatura brasileira* como sendo uma entidade acima de qualquer suspeita. A ponto de, na escola, *literatura* ser quase sempre apenas *literatura brasileira*: não é comum que o aluno médio brasileiro leia livros de outros países ou de outras línguas, mesmo em tradução.

Por que isso? Há vários motivos, e certamente um deles tem a ver com o processo pelo qual o Brasil se formou e se manteve unido, com um território assim tão vasto. Nos momentos decisivos da história brasileira neste assunto particular, o governo central foi extremamente repressor das diferenças regionais. (2004, p. 11)

Sendo assim, é de conhecimento geral que a literatura regional sempre esteve à margem dos conteúdos literários apresentados, porém grande parte da riqueza mundial literária é transmitida pela oralidade, através do hábito milenar de se contar histórias. Por muito tempo, era o que tinham as pessoas que não possuíam o domínio da língua escrita, em lugares ermos, em que a escola institucionalizada era só de se ouvir falar. Portanto, um dos intuitos desta pesquisa é formar leitores, tomando como base as informações e ideologias contidas nos causos. A escolha do gênero, das obras e autores se deu pelo encantamento que estes proporcionam com a sua leveza cômica, mas sempre rica em significados e aparatos linguísticos. O fato de o narrar estar próximo da vida das comunidades faz com que os textos que representam essa ordem tenham um nível maior de aceitação por parte dos estudantes do ensino médio, e as características do gênero causo aproximam-se ainda mais se a escola residir em um ambiente mais rural.

Na primeira coleção analisada, *Ser Protagonista*, o livro número 1, que é indicado para o primeiro ano do ensino médio, traz uma série de questões tidas como importantes para que ocorra uma iniciação do aluno aos estudos literários. Dessa forma ainda não se tem um painel cronológico, e sim textos para exemplificar o que seria linguagem literária e gêneros literários, por exemplo. Cabe ressaltar um capítulo dedicado a literaturas africanas de língua portuguesa. Nesse capítulo, aparece um texto de Guimarães Rosa, um autor regionalista, para citar semelhanças entre este e Mia Couto, material muito pouco abordado em salas de aula. Com relação a escritores gaúchos, consta apenas o conto “O vencedor: uma visão alternativa”, de Moacyr Scliar, em um exercício do capítulo sobre aspectos da linguagem literária, em específico os heróis (cf. BARRETO, 2016, p.48).

No livro número 2, indicado para o segundo ano do ensino médio, o aluno encontra o início da periodização literária. São os movimentos estéticos entre os séc. XII e XIX (trovadorismo até realismo/naturalismo), alternando entre as tendências globais e brasileiras. Cabe ressaltar aqui o capítulo dedicado ao Romantismo no Brasil, em que é mencionado o início do regionalismo como um eixo temático e que na literatura brasileira *O Gaúcho* de José de Alencar é uma das marcas desse

momento. A obra foi publicada em 1870, portanto a literatura gaúcha estava dando seus primeiros passos com a criação do Partenon Literário (1868), porém isso não é citado, assim como não aparece nenhum texto de autor gaúcho.

No livro número 3, indicado para o terceiro e último ano do ensino médio, estão os pontos que são mais importantes para esta pesquisa. Abrange a literatura do final do séc. XIX e o séc. XX até os anos 70 (Parnasianismo até o que sem tem por literatura contemporânea), e é nesse período que a literatura gaúcha tem seu auge com Erico Verissimo. Erico, junto com Dyonélio Machado, divide um capítulo do livro denominado “O ciclo do Sul”, dentro da unidade que compreende o Modernismo brasileiro. De Verissimo são trabalhados trechos de *Clarissa* e *O tempo e o vento*. O primeiro serve como um exemplo de romance urbano, o segundo apontando questões históricas e políticas. Dyonélio aparece com sua obra célebre *Os ratos*, nela são retratadas a luta incessante pelo dinheiro e angústia psicológica social causada por este fato (cf. BARRETO, 2016, p. 95-96).

A segunda coleção analisada foi *Novas Palavras*, sendo o livro número 1 indicado para o primeiro ano do ensino médio. Assim como no primeiro livro da coleção que foi analisada anteriormente, este exemplar busca formar um embasamento teórico sobre estudos literários. Representante de autores gaúchos, são apresentados dois, e bem famosos em livros didáticos, Luis Fernando Verissimo aparece com a crônica “Preto e Branco” em um exercício sobre gêneros dramáticos (cf. Amaral, 2016, p. 58). Mário Quintana tem dois de seus textos trabalhados: “Pausa” e “Algumas variações sobre um mesmo tema”. O primeiro é utilizado para retratar a utilidade da literatura e o segundo trata das funções literárias (cf. AMARAL, 2016, p. 22 e 29).

Também seguindo um padrão da primeira coleção, é no livro de número 2 que se iniciam os estudos de literatura em uma linha do tempo histórica que cita os principais movimentos literários, desde o Renascimento até o Realismo. Merece menção a tela “Grande cascata da Tijuca”, de Manuel José de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), também conhecido como Barão de Santo Ângelo, gaúcho de Rio Pardo, escritor, pintor e arquiteto do período Romântico (cf. AMARAL, 2016, p. 77).

O terceiro livro vai do Simbolismo até as tendências de literatura contemporânea. Nenhum escritor gaúcho aparece com algum texto ou tem seu nome citado.

A coleção *Linguagem e Interação* é a que mais se difere das demais. São livros em que os autores expandem os gêneros de texto para além dos literários, gerando, assim, uma maior abrangência da realidade dos alunos. A presença da gramática é apresentada por meio de textos e narrativas. Os autores, a exemplo dos gêneros, também ultrapassam aqueles tidos como canônicos, trazendo nomes bem atuais, e alguns pouco conhecidos, inclusive. Não há uma separação entre literatura, gramática e produção textual, pois são os gêneros textuais que dão início aos outros estudos.

O livro número 1 começa apresentando uma série de textos que permitem a identificação de características que ajudam na reflexão entre textos literários e não literários. Então, começam a vir as seções dos gêneros textuais. Dentro de cada uma das seções, os autores fazem diversas relações que “costuram” literatura, gramática e produção textual. Não aparecem autores gaúchos entre os textos escolhidos para o primeiro volume.

Já no livro número 2, a primeira parte é dedicada à história da literatura, iniciando com o Trovadorismo até o início do sistema literário brasileiro. A partir da segunda parte, o livro segue o padrão do primeiro, trazendo gêneros literários e não literários para gerar reflexões sobre língua. Como representante de autores gaúchos aparece Vitor Ramil, um autor recente, porém renomado compositor. Seu texto “Satolep” está num dos capítulos que estudam o gênero romance (cf. FARACO, 2016, p. 77).

O livro de número 3 segue a linha dos anteriores. São diversos gêneros que servem como porta de entrada a uma série de estudos. Não aparecem textos de autores gaúchos neste exemplar.

A quarta e última coleção é *Contexto, interlocução e sentido*, e o primeiro livro segue o padrão dos anteriores, com exceção da coleção analisada anteriormente. De início, o que se tem é uma introdução a alguns tópicos de estudos literários. Então, vêm os períodos literários, começando pelo Trovadorismo indo até o Arcadismo brasileiro. Por esse motivo, não há textos de autores gaúchos.

O segundo livro segue a linha do tempo, tendo início com o Romantismo e finalizando com o Simbolismo. Um ponto que vale ser ressaltado é um trecho de *O Gaúcho*, de José de Alencar. O texto é relacionado com a minissérie *A casa das 7 mulheres*, de Jayme Monjardim e Marcos Schechtman. Ambos estão na parte que

estuda a terceira fase do período romântico, em que surgiram obras regionalistas em todo o Brasil (cf. ABAURRE E ABAURRE, 2016, p. 93-94).

O terceiro livro começa com o Pré-modernismo e vai até a literatura contemporânea. Dos exemplares analisados, foi o que mais apresentou autores regionais. Em capítulo denominado “O romance de 1930” aparecem muitos autores de uma geração que trouxe um pouco mais da literatura de uma determinada região. De representantes gaúchos aparecem Erico Verissimo e Dyonélio Machado, com *O tempo e o vento* e *Os ratos* novamente (cf. ABAURRE E ABAURRE, 2016, p. 84-85).

Diante do que foi exposto, é possível inferir que autores como Rillo, estritamente regionais, acabam sendo preteridos por autores que possuem uma maior “universalidade”. Mesmo um autor extremamente renomado como João Simões Lopes Neto não é sequer citado em nenhuma das coleções analisadas. Nesse sentido, a comunidade docente deve se questionar sobre a importância de se trabalhar a literatura regional em sala de aula, em especial aquela da região onde reside a comunidade escolar. Trata-se de uma forma de conferir uma valorização geográfica à literatura, demonstrando para os alunos que o lugar onde eles vivem também possui valores literários importantes. Do contrário, a questão literária fica muito distante da realidade conhecida pelos discentes.

Neste ponto, suscita-se uma segunda discussão sobre o modo como o livro didático deve ser utilizado em sala de aula. Muitos profissionais do ensino planejam suas aulas única e exclusivamente com base no livro, embora isso não signifique que essas aulas sejam de má qualidade. Porém, é como se o professor abdicasse da sua formação e conhecimento para ensinar com a dos autores do livro. É o autor do livro dando aula e o professor funcionando como um porta-voz. Sendo assim, se o professor utilizar o livro didático como um instrumento de auxílio na mediação que ele precisa fazer entre o aluno e a aprendizagem, surgirão algumas brechas para que o docente traga também a sua bagagem de conhecimento para a sala de aula. Tratando especificamente da literatura, em escolas do Rio Grande do Sul, surgiriam muitos momentos em que seria possível que o professor acrescentasse informações sobre o que ocorria com as produções literárias sulinas, utilizando textos de autores locais e levando em consideração seus contextos históricos.

## 6 Considerações finais

Como foi possível observar, o tema regionalista no Rio Grande do Sul esteve presente nas produções literárias desde o início do que se tem por literatura gaúcha. Portanto, no painel de formação da literatura do sul do Brasil, a questão regional merece, sem dúvida, uma atenção especial. Mesmo que, a partir dos anos 30, se tenha tido um aumento dos temas mais universais nas produções sulinas, ainda assim foi sempre possível destacar aquelas produções que se sobressaíam pela sua peculiaridade local, presente na linguagem, nos personagens e no espaço geográfico.

Viu-se, também, neste estudo, que o contexto histórico em que Rillo produzia suas obras era muito propício para que ele desenvolvesse sua literatura, pois o autor viveu em contato direto com pessoas que vivenciavam e contavam histórias sobre o campo e os homens que dele viviam. Em suas produções, Rillo demonstrava-se um estudioso da vida e da cultura dos povos interioranos do Rio Grande do Sul, inclusive com publicações de estudos sobre tais temas. Com sua poesia, o autor pôde participar de diversos festivais de música, deixando seu nome marcado como letrista diversas vezes premiado. Sendo assim, pode-se afirmar que Apparício da Silva Rillo era um autor extremamente dedicado a documentar e afirmar a cultura sul-rio-grandense.

Com o presente trabalho, espera-se ter contribuído para a discussão acerca do gênero causo, visto que não é uma explanação que aparece frequentemente em textos teóricos. Com base nas análises realizadas, foi possível evidenciar algumas características mais aprofundadas sobre o gênero, com o intuito de apresentar uma definição mais completa, já que esse gênero, por ser fortemente ligado à tradição oral e à temática regionalista, muitas vezes acaba sendo diminuído em importância para professores e teóricos da área.

O causo gauchesco, segundo Regina Zilberman (1992) e Luis Augusto Fischer (2004), teve seu estabelecimento com o livro “Causos do Romualdo”, de Simões Lopes Neto, e partir dessa obra foi possível fazer conexões históricas e identitárias com Rillo e seu *Rapa de Tacho*. Apareceram diversos pontos de encontro, que vão desde questões de produção literária até temas e efeitos que surgiram, dando embasamento ao que era uma das propostas iniciais da pesquisa:

ligações entre um autor que figura no cânone como um dos grandes nomes da literatura regional e um autor que pouco ou nada representa no momento em que teóricos trabalham na composição de um painel historiográfico de literatura gaúcha. E desse objetivo se concluiu que Apparício teria plenas condições de figurar, também, nesse painel, e por opção de quem o produz não está lá, ou seja, não há, praticamente, nenhuma representatividade desse autor quando se teoriza sobre literatura gaúcha.

Com a análise dos livros didáticos do PNLD (2018-20), foi possível chegar a importantes conclusões e responder perguntas que norteavam o trabalho. Considerando que geralmente professores se baseiam nos conteúdos dos livros para ministrar suas aulas, Rillo não teria seu nome citado. Nem o próprio Lopes Neto figura em qualquer uma das quatro coleções analisadas. Isto é, ambos autores passam desconhecidos pelos alunos durante o ensino médio. Obras regionais praticamente não figuram entre os textos dos livros didáticos. Quando aparecem, é por meio de autores nordestinos como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos ou João Cabral de Melo Neto. Diante do que foi exposto, fica evidente que, se o docente não se preocupar em, por sua própria conta, alçar obras em que a temática esteja relacionada ao povo de uma determinada região, os alunos passarão por todo o ensino médio sem ter contato com a literatura da sua terra, aquela que faz sentido para eles por permear a cultura da qual eles fazem parte.

Como já referido anteriormente, a produção literária de Rillo foi muito além das obras e dos textos citados neste trabalho. Porém, para abarcar a obra completa do autor, seria necessário realizar um estudo demasiadamente extenso que extrapolaria o escopo desta pesquisa. Por esse motivo, o trabalho se restringiu a uma única obra de Apparício. Em relação a um possível desdobramento deste estudo, evidenciou-se que, no desenvolvimento da literatura em prosa no Rio Grande do Sul, estabeleceu-se uma frutífera relação entre o gênero causo com muitos outros gêneros textuais que hoje, inclusive, têm um maior prestígio para teóricos e em salas de aula. Por ser um gênero que tem seu início e sua marca maior na oralidade, nas histórias que eram contadas de pai pra filho, ou entre trabalhadores do campo em seus momentos de descanso, o causo se mostrou uma antiga forma literária, por conseguinte constituiu ponto de partida para muitos outros gêneros posteriores, como contos ou romances. Embora essa afirmação possa ser aplicada em outros contextos regionais, acredita-se que esse fato se torne mais

latente quando se fala em literatura gaúcha. Sendo assim, este estudo pretende ganhar uma continuidade, investigando a relação dos causos do Rio Grande do Sul com os outros gêneros da literatura gaúcha, enquanto formação cultural, identitária e literária.

## Referências

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M. *Português: Contexto, interlocução e sentido*. 3. ed. Obra em 3 volumes - Ensino Médio - São Paulo: Ed. Moderna, 2016.

AMARAL, Emília...[et al.]. *Novas Palavras*. 3. ed. Obra em 3 volumes - Ensino Médio - São Paulo: FTD, 2016.

BARBOSA, Maria Helena. In: ZILBERMAN, Regina, MOREIRA, Maria Eunice e ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Pequeno Dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

BARRETO, Ricardo Gonçalves... [et al.]. *Ser Protagonista: Língua Portuguesa*. 3. ed. Obra em 3 volumes - Ensino Médio - São Paulo: Edições SM, 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994

BERTUSSI, Lisana. *Literatura gauchesca do cancionero popular à modernidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

BRAUN, Jayme Caetano. *Galpão Nativo*. Porto Alegre: USA Records: 1999. CD (40 min.)

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

\_\_\_\_\_. Os primeiros baudelairianos. In: -. *A educação pela noite & Outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987

COSTA, Sérgio R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FARACO, Carlos Emilio. *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação*. 3. ed. Obra em 3 volumes. Faraco, Moura, Maruxo Jr. São Paulo: Ática, 2016.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Rossini T. de. *Abecê do folclore*. 5. ed. São Paulo: Ricordi, 1972.

LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Pradense, 2011.

\_\_\_\_\_. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 3. ed. Porto Alegre : Globo, 1965.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção de 1870 a 1920*. São Paulo: José Olympio, 1973.

PROPP, Wladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo, Ática, 1999.

RILLO, Apparício Silva. *Rapa de tacho: causos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

\_\_\_\_\_. Apparício Silva. *Rapa de Tacho 4*. 2. ed. Porto Alegre: Tchê, 1989.

\_\_\_\_\_. Apparício Silva. *Viola de canto largo*. 3. ed. Porto Alegre: Martins, 1983.

\_\_\_\_\_. Apparício Silva. *Cantigas de tempo velho*. 3. ed. Porto Alegre: Martins, 1981.

\_\_\_\_\_, Apparício Silva. *30 anos de poesia*. Porto Alegre: Tchê Editora, 1986.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VERISSIMO, Erico. *O continente*, vol. 1 e 2. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.